

KYR00007



O guerreiro mekranoti é o personagem principal do filme *Raoni*, grande sucesso na Europa. Pela primeira vez, o índio brasileiro fala de si mesmo. Ainda integrado em seus costumes — boca deformada por adorno, cocar e pintura — ele faz questão de assegurar a quem vê o filme: "Índio não é bicho, índio é homem."

RAONI

O crep de um

Um filme rodado no Brasil apresenta um chefe de tribo que envia ao m



Úsculo a raça

UM dos grandes sucessos cinematográficos da temporada na França, Inglaterra, Alemanha, Canadá, Estados Unidos e Japão é um filme rodado no Brasil. Seu tema: a mensagem do índio Raoni, chefe dos mekranotis, defendendo seu povo. Em entrevista exclusiva a **MANCHETE** Jean-Pierre Dutilleux, 29 anos, realizador do filme atualmente mais comentado na imprensa européia, explica os motivos que o levaram a se interessar pela sorte de 120 mil índios brasileiros, os últimos membros de uma população que, à época da chegada do europeu ao Brasil, totalizava 4 milhões de indivíduos.

O cineasta Jean-Pierre Dutilleux filmou muitas cenas do que chama o "cotidiano poético dos índios". Esse dia-a-dia obedece a um ritmo imutável. As danças coletivas, realizadas com grande solenidade e alegria, fazem parte dele.

Reportagem de Hélio Carneiro (Sucursal de Paris). ● Fotos de Leimbach

SEGUE



Os mekranotis ficaram empolgados quando se viram no cinema. E fizeram questão de rever o filme. Todos os dias

MANCHETE — Por que você realizou Raoni?

Dutilleux — Eu sonhava fazer um filme em que os índios brasileiros pudessem ter a sua vez de falar. Pensei em sensibilizar a opinião pública sobre o problema deles.

E quais as razões que o levaram a escolher a tribo mekranoti?

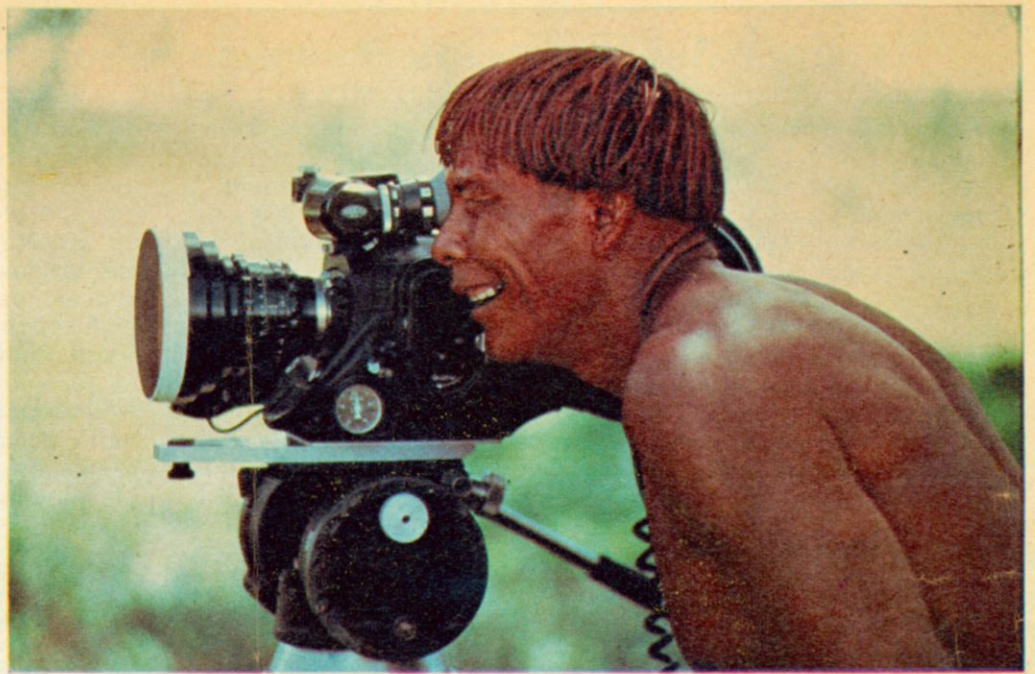
Em 1976, a BBC me pediu para realizar um documentário sobre os irmãos Villas Boas, mais tarde candidatos ao Prêmio Nobel da Paz. Quando acabei de filmar *Xingu: O Homem Branco Está Chegando*, me tornara amigo dos Villas Boas e de Raoni e sua gente. Como já conhecia a geografia da região e o povo

mekranoti, achei que meu novo projeto devia se apoiar nesse conhecimento. Eu pensava que a posterior divulgação do filme no mundo inteiro ajudaria as reivindicações dos índios. Depois, voltei aos mekranotis para mostrar meu trabalho. Nunca vi platéia tão sensacional. Todos os dias queriam rever o filme.

SEGUE

Na cultura índia, a criança só tem uma tarefa: brincar. Para filmar uma luta corporal entre dois guerreiros, o cineasta francês não teve dificuldade. A colaboração foi total.





Alegres e dando grande importância a tudo que existe, os índios amam descobertas. Como olhar o mundo através do visor da câmara. Para eles, o significado das máscaras de tinta e das deformações obtidas com objetos de madeira continua o mesmo defendido por seus antepassados. Os mekranotis preservam os seus costumes.

Seria um filme sobre o cotidiano poético dos índios. O ronco dos tratores derrubando as matas deu novo rumo ao roteiro

— Raoni compreendeu sua intenção?

— Raoni sabe que os índios precisam de ajuda. São poucos e estão enfraquecidos. Comecei a rodar o filme, mostrando o poético cotidiano do povo indígena. Mas um dia, quando voltava da pesca com Raoni, três outros chefes esperavam por ele. Vinham dizer que, das suas aldeias, podiam ouvir o ronco dos tratores derrubando a mata. O

drama estava diante dos meus olhos. O resto foi só seleção de cenas e acompanhamento.

— Para você, o que é o problema da terra em relação ao índio?

— Desde o começo da colonização, os índios vêm sendo despojados de suas terras, empurrados para o interior do país. Em 1961, foi fixada uma reserva para os índios do Xingu, de 25 mil quilômetros quadrados. Mas o que se vê é

essa área invadida em todas as frentes, diminuindo a cada dia. A Funai move não sei quantos processos por causa de terras tomadas irregularmente dos índios. Pode até vencer, mas os processos são lentos e o problema cresce. Existe, também, muito a fazer no terreno da jurisprudência. A legislação brasileira vê o índio como *menor*. Sem direito a voto ou à propriedade. Mesmo com terras delimita-

das, o indígena só dispõe do usufruto. Um preconceito.

— E existem outros preconceitos contra o índio?

— Muitos, e vários deles se devem à desinformação. No interior, as populações encaram o índio como pessoa preguiçosa, suja, verdadeiro bicho. E os índios sabem disso. Durante o filme, várias vezes Raoni diz: "Índio não é animal, não. Índio é homem."

SEGUE





No ritmo de vida dos mekranotis, todas as atividades lúdicas têm lugar destacado. Mulheres e meninos não dispensam pintura e enfeites. Cabe aos homens desenvolver a habilidade na arte da flecha, para garantir o alimento de toda a comunidade. Sem distinções.



ingem perfilar-se, com machados e espingardas.

Ele abateu a jaguatirica. Agora aproveitará a carne e o couro.

“Os índios que aparecem no filme s^o estão vivos graças à ação dos irmãos Villas Boas”



As mulheres gostam de rir e são afetuosas umas com as outras. Sua noção de vaidade é peculiar: nudez total, mas pintura por todo o corpo ou, pelo menos, em boa parte dele. E muitos colares.

E não só ele, como Aritana, jovem chefe dos iaulapitis, Kuisi, dos suyás e outros. Nas cidades, a maioria das pessoas já compreendeu o direito do índio à vida. Sabe-se que eles representam uma sociedade paralela, com desenvolvimento diferente e muito satisfatório. Outro preconceito do civilizado em relação aos indígenas é de que eles não produzem nada. Uma idéia absurda. Há milhares de anos, os índios vivem um ciclo de vida completo, com sua economia fechada, numa sociedade comunitária perfeita. Sem ricos ou pobres. O índio não se imagina o centro do mundo. Para ele, uma pedra se equipara à imen-

sidão do céu. Tudo é rico em significados. Os indígenas obtiveram o equilíbrio entre a realidade e o mito. O tempo ganho não representa nada para sua cultura. Vivem num ritmo tranqüilo: caça ao alimento, atividade artesanal, festas e ritos, sonhos e meditações. Os índios do Xingu só utilizam 60 objetos e nós precisamos de milhões deles para sentir um mínimo de segurança.

— *Acredita que os índios possam viver em nossa sociedade?*

— Só à custa de sua identidade. Ao visitar São Paulo, Raoni disse: “Às vezes índio vem aqui... Esquece vida dos nossos antepassados. Procura coisas

que o branco procura. Bebida, cerveja... Não quero que meu povo venha para cá aprender coisas ruins”... Ele tem razão. É necessário criar novas reservas, deixar o índio adaptado ao seu próprio ritmo.

— *O que você viu de mais dramático como resultado do contato do índio com a civilização?*

— Primeiro, o decréscimo populacional. Na tribo de Raoni, os problemas são sérios. Houve duas epidemias de gripe que mataram muitas crianças. Abaladas, as índias até hoje se recusam a ter filhos. Houve alguns casos de mães que mataram suas crianças para livrá-las de um futuro incerto. E, no entanto, o índio é alegre, não tem problemas psíquicos, não se suicida ou entedia. Outro drama é o dos kreen-akarores. Três anos depois de contatados, foram dizimados por uma epidemia. Os Villas Boas ainda conseguiram trazer para o Xingu uns 50 indivíduos. Mas estes, humilhados e desestruturados, são — como se pode ver no filme — verdadeiros fantasmas. Durante as filmagens, aconteceu um fato curioso. Quando levamos Raoni a São Paulo, quisemos que ele conhecesse outros índios da região. Então, nos indicaram um povoado de guaranis, na estrada Rio—Santos, a 20 quilômetros da capital. Cláudio Villas Boas e a Funai não tinham conhecimento da existência desse grupo. O que vimos foi aterrador: índios doentes, mendigando, as mulheres transformadas em prostitutas de estrada. Raoni conversou longamente com eles. No outro dia, os agentes da Funai ficaram sabendo que toda a tribo estava presa, numa delegacia. Ao ouvirem Raoni, os índios se encheram de amargura, pensando no passado e tomaram o maior pileque. Agora, Álvaro Villas Boas e a Funai estão cuidando desses guaranis.

— *O que seria dos indígenas sem a ação dos Villas Boas?*

— Os índios que você viu no filme só estão vivos graças a eles. Trabalhadores incansáveis, os Villas Boas, ao mesmo tempo que preparam os indígenas para enfrentar as novas situações, os incentivam a viver como sempre viveram e a manter a identidade tribal. E se hoje existe entre os índios do Xingu uma consciência e um orgulho de sua raça, isso deve ser creditado aos Villas Boas. Ninguém melhor do que eles sabe a cruel distância que se-

para o brasileiro do índio. Quando Raoni pergunta a Cláudio: “Por que os caraíbas querem acabar com o índio?”, Cláudio responde: “O civilizado não tem uma vida como a de vocês. Ele não sabe o que ele é. Ficou dentro do mundo, sem explicação. Então, a confusão é total. Cada um vive por si. Não é como na sociedade de vocês, onde todos são irmãos, cada um ajuda o outro. Vocês formam uma grande família. De certa maneira, vocês são mais homens do que nós.” As preocupações de Cláudio vão ainda mais longe. Ao passarem pela estátua de um bandeirante, no centro de São Paulo, ele explica a Raoni: “Esse homem não é Rondon. Para nós, para todos os brasileiros, ele é um herói. Para vocês, não. Ele simboliza todos aqueles que invadiram suas terras e acabaram com o que vocês eram: os donos de tudo. Mas tem caraíba que está em situação muito pior do que a de vocês. É o trabalhador, o operário. Ele tem uma vida muito inferior à que vocês têm no mato. Nunca pode comer um bom peixe, viver ao ar livre, deitar muito tempo numa rede para descansar, pensar. Enfim, viver. O homem da cidade não vive. Ele corre de um lado para outro para defender o pouquinho que pôde conseguir em nosso mundo.”



Jean-Pierre Dutilleux, ao rodar seu filme no Brasil, tornou-se grande amigo dos mekranotis. E adotou alguns dos seus enfeites. Acima, o cineasta mostra ao repórter de MANCHETE o grande número de recortes de jornais sobre seu filme.